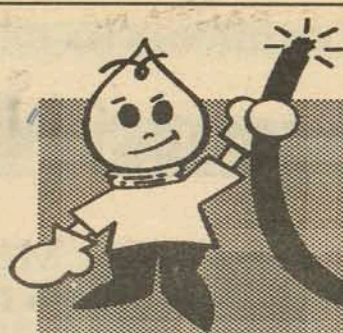




Linharviva

Nº 188 24/07/92

FORA COLLOR

A CUT está puxando mobilizações em todo o país pelo fim da corrupção, pelo fim do governo Collor e pelo "impeachment já". A jornada de mobilização foi definida na 5ª Plenária Nacional da entidade, que aconteceu em São Paulo entre 15 e 18 de julho. Em Santa Catarina será realizado um plebiscito sobre a CPI-PC/Collor e atos de rua.

Em Florianópolis, dia 24, as entidades sindicais e populares vão para a rua distribuir panfletos que trazem as palavras de ordem "CPI Pra Valer", "Fim do Governo Collor", "Impeachment Já" e "Basta de Corrupção". A panfletagem será incrementada com a apresentação de um esquete teatral do Grupo A, em pleno calçadão da Felipe Schmidt, terminais de ônibus e bancos.

Na capital o plebiscito será nos dias 3, 4 e 5 de agosto. No dia 6 será feita a apuração dos votos de todo o estado e um ato em Florianópolis com participação de personalidades de renome nacional.

ESCALA DO CHEFE

Chefia nova é fogo! Flávio Dallagnol, irmão do conhecido Wilmar Dallagnol, desde que assumiu a chefia do Centro de Processamento de Dados da Celesc, resolveu inovar e acabou com a escala de trabalho feita em conjunto com os empregados do setor. Esta prática, funcionava bem há seis anos, mas Flávio acha que esta é uma prerrogativa exclusiva dele, da qual não abre mão.

A escala do chefe é, no mínimo estranha e equivocada: não contempla a necessidade do pessoal e baseia-se na "autoridade". Os empregados que trabalham de madrugada e no sábado não têm onde fazer lanche. Além disso, no sábado, muitas vezes sem ter serviço, o pessoal é obrigado a permanecer na sede da Celesc.

A pergunta: para que serve uma escala destas?

FALCATRUA

Médico denuncia favorecimento em concorrência na Celesc

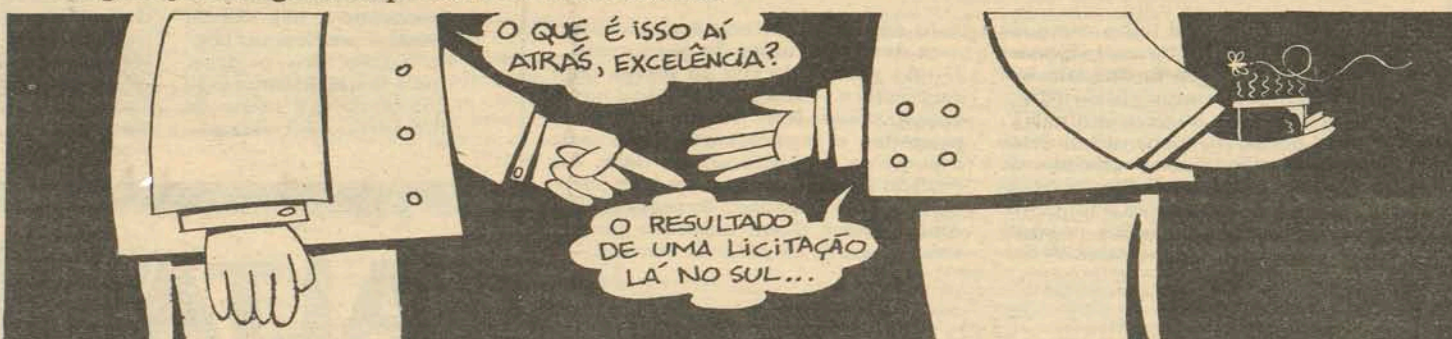
A licitação realizada pela Celesc, em abril passado, para escolher o laboratório que faria os exames periódicos de saúde nos empregados foi cancelada. O Laboratório Santa Luzia ganhou, mas não levou. Um político catarinense, em Brasília, não gostou do resultado e quer que outro laboratório execute o serviço. O que poderia ser um zelo do parlamentar para garantir a participação de todos, na verdade é um favorecimento escandaloso. A empresa - simpática a esse político - não tem controle de qualidade e, por isso mesmo, sequer pode se credenciar a participar da licitação.

A legislação obriga as empresas a fazerem exames

periódicos de saúde em seus funcionários. Mas, por causa de interferências políticas como esta, os empregados da Celesc estão há mais de seis meses sem poder fazer exames de saúde.

Além da imoralidade, o fato prejudica os trabalhadores. E eles perderão mais uma vez se o laboratório que finalmente for escolhido não tiver condições mínimas de atendê-los. Numa época de PC Farias isso pode parecer coisa pequena, mas é justamente essa mesquinhez o emblema das administrações no nosso país.

LEIA MAIS NA PÁGINA CENTRAL



PP e PC: as paralelas se encontram

O que todo mundo previa aconteceu: está difícil de separar os trabalhos das CPIs do PC Farias com a do Esquema PP. Cada vez mais uma se confunde com a outra. E, à medida que os depoimentos se sucedem, descobre-se, com riqueza de detalhes, como foi que as ações da Sade foram "empurradas" goela abaixo das fundações de previdência privada (fato que alguns dirigentes ainda querem negar, apesar de todas evidências).

Esta semana a Revista Isto É reproduz, conforme declarações do diretor-financeiro da Eletrus (fundação de previdência da Eletrobrás), Antonio dos Santos Rena, como foram "empurradas" as ações naquela instituição. O diálogo que segue, repro-

duzido da revista, parece uma réplica dos diálogos que aconteceram em outras fundações, quando foi discutida a compra das ações da Sade.

"A história começa numa tarde de quinta-feira, no mês de abril de 1991. O presidente da Eletrus, Armando Martins Paiva, convocou Rena para uma reunião. Assunto: a compra de 2 milhões de dólares em ações da Sade, companhia do empresário carioca Nelson Tanure, amigo da então ministra Zélia Cardoso de Mello.

- Recebi ordens para comprar ações da Sade. Outros fundos vão comprar. Não podemos ficar de fora, disse Paiva. - Conheço a Sade há 15 anos. A empresa não tem porte para vender ações para fundos, de-

volveu Rena. Paiva prosseguiu: - Não podemos ficar de fora. Rena ganhou tempo: - Quero analisar os balanços. No dia seguinte, Rena recebeu os balanços projetando um crescimento em torno de 20% a 30% ao ano. "Um deboche técnico", concluiu Rena. Paiva não insistiu, mas dias depois um diretor do Banco Interatlântico, de nome Cansado, o procurou para martelar o assunto Sade. Mais uma vez Rena disse não. O seu gesto foi o estopim para a impulsão do esquema PP na Eletrobrás. A primeira cabeça a rolar foi a do presidente Martins Paiva, mas os respingos atingiram outros fundos também."

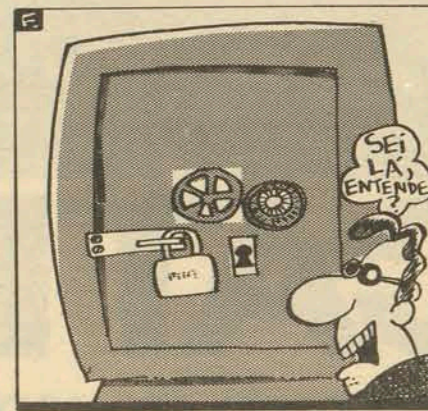
ILEGALIDADE

Eletrosul retém dinheiro descontado do trabalhador

Desde maio de 1991 a Eletrosul deve aos sindicatos da Intersul. A parte das mensalidades sindicais e da contribuição confederativa relativas ao reajuste salarial de então foi descontado dos empregados, mas não foi repassado até hoje às entidades. Juridicamente isso se chama "apropriação indevida". Por isso a Intersul vai cobrar judicialmente cerca de 100 milhões que a empresa está retendo ilegalmente.

O assunto já foi levantado em várias reuniões com a empresa que já reconheceu a dívida, mas a reposta nunca vem. Na reunião com o Diretor Administrativo, na semana passada, mais uma vez o assunto foi levantado. A resposta só chegou ontem em um telex: "a empresa está examinando os dados sobre o assunto e, se pertinentes, oportunamente informaremos".

O Diretor Administrativo da Eletrosul, Ilário Pasin, também respondeu com evasivas, no telex, as outras questões levantadas pela Intersindical na reunião. Eleição da ELOS: não tem decisão ainda. Plano Bresser: posição inalterada, ou seja, a Eletrosul vai usar todos os recursos para postergar o pagamento.



gamento.

Na avaliação da diretoria do Sinergia "este telex sublinha o descaso com que a Eletrosul trata as reivindicações dos empregados e a má fé que está existindo na questão específica da correção das mensalidades sindicais, bem como a irresponsabilidade de deixar crescer um passivo de nível alarmante".

GREVE ELETRICITÁRIA

Furnas parada há 10 dias

Desde o dia 14 de julho cerca de 80% dos 9 mil eletricitários de Furnas estão em greve por melhores salários. Ontem, empresa e empregados estiveram reunidos para audiência no TST.

Às 18 horas, no fechamento desta edição, a reunião com o presidente do TST ainda não havia terminado. Nesta audiência além dos índices financeiros estavam sendo negociados o pagamento ou não dos dias parados. A no-

te os empregados fariam assembleias para decidir o futuro do movimento.

As greves do dia 14 foram bem sucedidas na Eletrobrás, onde a paralisação atingiu 60% do quadro de empregados e representou um grande avanço na mobilização da base. Na Nuclen a greve também foi bem sucedida, sem necessidade de piquetes. Os empregados desta empresa podem voltar à greve na próxima semana.

CIDADANIA

Sindicatos discutem saúde

Os acidentes de trabalho, as doenças profissionais acontecem todos os dias com milhares de trabalhadores. As pesquisas estão mostrando que os índices são superiores aos de qualquer epidemia que o país já vivenciou. Isto é resultado das condições de organização do trabalho no Brasil. O atendimento médico e a reabilitação dos trabalhadores acidentados e portadores de doenças profissionais têm sido, até o momento, por decisão do INSS, delegado às empresas de medicina de grupos e hospitais credenciados, que apresentam como característica o lucro sobre os trabalhadores doentes e acidentados, além do péssimo atendimento.

Está sendo criado em Santa Catarina um Programa de Saúde do Trabalhador. Hoje já existe uma equipe, formada por entidades e profissionais que vêm discutindo e formulando propostas à secretaria de Saúde do Estado. Seu objetivo é viabilizar este programa que foi uma das resoluções do II Semsat.

Com a implantação do Programa de Saúde do Trabalhador os sindicatos pretendem reverter a situação e, através de um estudo interconstitucional, atender à necessidade urgente de vigilância, prevenção, atendimento de acidentes e diagnóstico de doenças ocupacionais no Estado.

Linha Viva é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares semanais. Diretor Responsável: Dinovaldo Gillo. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon. Ilustrações: Frank Mala. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do Jornal O Estado. Redação: rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fone: (0482)22-3866. Telefax: (0482)23-5596. Telex: 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

CONCORRÊNCIA ESTRANHA NA CELESC

Laboratório ganha, mas não leva

A descoberta da "interferência" aconteceu depois que o Sinergia recebeu reclamações de empregados da Celesc que não puderam fazer seus exames periódicos de saúde, por falta de laboratório credenciado.

O diretor de Medicina e Saúde do Trabalho, Sovenir Macio Dias, procurou saber que providências a empresa estava tomando para solucionar o problema. Descobriu então que, em abril, havia sido feita uma licitação vencida pelo Laboratório Santa Luzia.

Mas os serviços continuavam a não serem prestados e Sovenir soube então, aos poucos, que a licitação tinha sido cancelada por causa de interferências políticas.

O Linha Viva foi atrás da posição oficial da empresa sobre o cancelamento. Escolhemos Nilson Zunino, dono do Laboratório Santa Luzia, procurado pelo Linha Viva, confirmou o que sabíamos mas não podíamos divulgar por falta de quem assumisse as declarações. Zunino diz que soube - até por funcionários da própria Celesc - que "houve interferência de outro laboratório. En- trou no jogo inclusive um político a nível federal. Esta teria sido a razão do cancelamento da licitação".

Petry não negou que tenha havido interferências políticas, mas afirmou que elas não foram o motivo do cancelamento. "Anulei independente disso". Disse que pediu para que a licitação fosse refeita por causa de "pareceres conflitantes".

Mas, a nova licitação pode não exigir controle de qualidade. O DA diz que não sabe se este critério estará entre as exigências. "Quero que tudo seja feito dentro das normas, mas não com rigidez".

Médico denuncia o favorecimento

O médico João Nilson Zunino, dono do Laboratório Santa Luzia, procurado pelo Linha Viva, confirmou o que sabíamos mas não podíamos divulgar por falta de quem assumisse as declarações. Zunino diz que soube - até por funcionários da própria Celesc - que "houve interferência de outro laboratório. En- trou no jogo inclusive um político a nível federal. Esta teria sido a razão do cancelamento da licitação".

Zunino é considerado no seu meio como um profissional sério e conceituado. Já foi presidente da Unimed/SC e da Associação Catarinense de Medicina. Atualmente

te preside a Sociedade Brasileira de Patologia Clínica (SBPC), onde luta pela crescente qualidade nos serviços dos laboratórios clínicos. O Laboratório Santa Luzia é um dos maiores do Estado e o contrato com a Celesc representaria 0,2% do seu faturamento anual.

Zunino lembra que ficou satisfeito ao saber da licitação da Celesc, pois, pela primeira vez, a empresa exigia que os inscritos participassem de algum controle de qualidade. Este controle é feito por associações nacionais, como a própria SBPC. Ele é realizado mensalmente e mede o grau de perfeição dos diagnósticos do laboratório.

"O meu pessoal perguntou porque iríamos responder para a Celesc já que há mais de 10 anos o resultado é sempre o mesmo: somos eliminados. Não ganhávamos - sabíamos de antemão - porque nosso preço é mais alto. Sempre cotamos pela tabela da Associação Médica Brasileira (AMB). Este crité-



Zunino: "houve interferência de político de nível federal"

rio do preço é utilizado por todas empresas. Elas têm direito de utilizá-lo, é absolutamente justo. Mas, quando vimos que a licitação exigia controle de qualidade, ficamos muito satisfeitos. Não importava que perdêssemos. Esta exigência é muito importante. No âmbito de 30 laboratórios que existem aqui em Florianópolis - não estou dizendo que os outros não façam controle de qualidade, mas, se existe algum que não tenha, ele vai perceber que se não fizer, não vai conseguir mais concorrer".

"Respondemos de acordo com a tabela da AMB e pouco depois veio a resposta. Tínhamos ganho a concorrência. Estávamos para firmar o contrato quando percebemos que uma das informações na tabela de preço foi trocada. Era o preço do hemograma. Na tabela da AMB está como 30 CH (coeficiente de honorários), mas a menina

na hora de copiar pôs 14 CH. Quando vi isto perguntei: Terezinha como é que você cometeu esse erro? Vai ver que ganhamos por causa disto! Eu não quero parecer, perante os concorrentes, como praticando dumping. Minha preocupação maior era esta."

"Em termos de faturamento não faria nenhuma diferença, no contexto geral. Mas do ponto de vista ético e moral faz muita diferença. Por isso fizemos uma carta para a comissão de licitação, acusando o engano, e dizendo que cumpríamos o que estava escrito, mas queríamos que ficasse registrado o erro. Qual foi nossa surpresa quando, dois ou três dias depois, recebemos um aviso do cancelamento da licitação. Pensamos que a carta tinha sido mal interpretada. Chegamos até a pensar que a comissão, entendendo que aquilo significaria um grande prejuízo para o laboratório, tivesse cancelado, para permitir nova licitação, para correção."

"Logo depois soube que houve interferência de outro laboratório, que colocou inclusive políticos a nível federal. O dono do laboratório disse que estavam prejudicando-o. A razão do cancelamento, teria sido, sem dúvida, esta interferência. Olha, se existe alguma anormalidade com meu laboratório, acho justo que o eliminem, mas deveriam então chamar o segundo da lista."

LV - Então não foi o segundo colocado que procurou políticos...

Zunino - Seguramente não era o segundo. Talvez o interessado nem tenha tido condições de se credenciar por não poder comprovar participação em qualquer sistema de controle de qualidade.



Concurso no Sinergia

O Sinergia está reabrindo inscrições para o concurso de assessor para os departamentos de Formação e Cultura. As inscrições ficarão abertas até o dia 4 de agosto. O edital de convocação está à disposição dos interessados na sede do Sinergia (Rua Lacerda Coutinho, 149 - Centro), onde deverão também serem feitas as inscrições.

Plenária em Ita

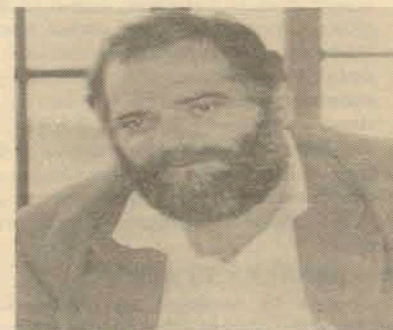
Acontece neste sábado, em Ita, a plenária de base para preparação da pré-pauta da campanha salarial deste ano na Eletrosul. Na ocasião será feita também uma discussão política sobre a situação atual da empresa. O ônibus para Ita sai de Florianópolis, na sexta-feira, às 23 horas, da frente da catedral.

Passivos polêmicos

O presidente da Celesc, Fernando Verdini, explicou ao comentarista político Prisco Paraíso, que a ação que moveu contra a Celesc dizia respeito ao pagamento de horas extras e que foi arquivada tão logo passou a comandar a estatal. Verdini disse também que "embora tenha contra si diversas ações trabalhistas, a Celesc não ostenta um passivo preocupante, principalmente quando comparada a outras empresas estatais". Será que ele se referiu à "vizinha" Eletrosul?

Visitas

Estiveram esta semana visitando o Sinergia os candidatos a prefeito de Florianópolis Sérgio Grando, e seu vice Afrânio Boppré (Frente Popular), e a vereadores Francisco Küster (PSDB), Mário Zimmermann (PT) e João Batista



Grando: visita de campanha Nunes (PT). Eles falaram de suas propostas para envolver o movimento sindical e popular na administração da cidade.

V ENEL

deslançando

O V Encontro Nacional dos Eletricitários, que acontecerá em Brasília entre 15 e 17 de agosto está

começando a tomar forma. Uma das discussões que será levada pelo Comando Nacional dos Eletricitários é a construção de uma Intersindical de trabalhadores das concessionárias. O último dia do Enel será realizado no auditório do Congresso Nacional, para dar maior sustentação política ao encontro.

Reintegração na Eletrosul

Dia 14 de julho foi reintegrada a eletricitária Maria Luiza Salete Loureiro, demitida em janeiro da Eletrosul. Com 17 anos de empresa, ela havia sido dispensada pela empresa em pleno vigor do Acordo Coletivo 91/92, que estabelece a garantia no emprego. Com a decisão da justiça, além da reintegração, a Eletrosul foi condenada a pagar, com juros e correção, os salários entre janeiro e julho.

TRIBUNA Livre

Otimista! Eu?

Cláudio Corradini
Presidente da Aprosul e diretor do Sinergia

Apesar da apatia, da desesperança, da incredulidade de muitos, ousar ser otimista.

É certo que neste país, nunca os salários foram tão baixos, o desemprego tão grande, e o desprezo pelo trinômio alimentação-saúde-educação tão ostensivo. Mas, me assusta ainda haver neste país, pessoas dizerem que a ditadura era melhor, pois os salários eram mais altos e havia trabalho para todos.

Estes cidadãos esquecem-se que, analisando-se até pelo ponto de vista estritamente egoísta, a dívida externa brasileira foi às alturas graças às grandes obras de infraestrutura, muitas delas fundamentais para o país, mas muitas absurdas e inadequadas (Usina Hidrelétrica Balbina, Acordo Nuclear com a Alemanha, Transamazônica, etc.). Mas, mesmo as necessárias, o custo foi triplicado, quintuplicado, graças aos desvios de recursos e os superfaturamentos, que não eram exceção, mas regra. E a imprensa não noticiava, os engenheiros ou pedreiros, e qualquer outra categoria viviam exclusivamente preocupados com a sua técnica. Quem pensasse diferente era preso, torturado ou morto. Os ditadores de plantão e os civis subservientes decidiam tudo: escolhiam governadores, prefeitos, as prioridades do país, etc.

Por outro lado, à custa disso surgiram os grandes impérios nas comunicações (Globo, Manchete, Silvio Santos...) nas finanças (Bradesco, Itaú, Bamerindus...) nas empreiteiras (Camargo Correa, Odebrecht, OAS...) que lotearam o país e que até hoje elegem parlamentares e presidentes...

Mas o dinheiro acabou e apareceram os problemas... Conclui-se, como dizia Brizola, "Collor é filho da ditadura" (o que diz Brizola agora?), e apesar de seu governo ser recordista em corrupção e catástrofes, ele não é responsável por tudo que afasta. É, antes, consequência.

Assim, a nossa democracia, frágil, infantil, vai sendo construída a "trancos e barrancos". E isso foi assim em todas as partes do mundo. Democracia não é um sistema de governo em que todos os cidadãos são dignos, conscientes, honestos, altruístas. A democracia procura garantir o direito de todos os segmentos da sociedade, reivindicar e lutar pelos seus interesses. As vezes, nem tão legítimos!

Mas do confronto de interesses dos empresários e trabalhadores, dos fazendeiros e peões e da imprensa e o Congresso Nacional refletindo tudo isso, emergem as leis, o planejamento, as prioridades, os investimentos. Senão as mais justas, as menos injustas.

E o povo, os trabalhadores, organizando-se em sindicatos, associações (profissionais, de moradores, etc), partidos políticos. E a consequência é mais transparência, e mais fiscalização do poder público.

Assim, acredito que estamos vivendo um momento histórico. A imprensa vive hoje o seu apogeu. A custos das notícias, do jornalismo investigativo, a CPI e o Congresso vão sendo obrigados a cumprir as suas funções. Não por acaso um juiz e outros cúmplices foram condenados a alguns anos de cadeia por fraudar o INSS. Os políticos "espertos" e demagogos sob pressão têm que se expor e tomar posições. A continuar o processo, esse nosso povo, tão mal alimentado, tem acesso à educação e por isso mesmo tão mal informado, vai-se conscientizando que dele depende seu próprio destino, como agente de construção dessa democracia.

E espero, que esse povo saia às ruas exigindo, não simplesmente a renúncia ou o "impeachment" de Collor, mas o fim dessa política desastrosa e desumana, a "bomba de neutrons" do neo-liberalismo, que arrasa os trabalhadores, sucateia o patrimônio público e o entrega, a preços vis, aos grandes grupos nacionais e internacionais.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias devem ser remetidas para a redação assinadas, datilografadas e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

Desde os anos 60 ele foi um franciscano incômodo para a Igreja. Sua "Teologia da Libertação" soou como provocação para o clero tradicionalista. As pressões foram muitas. A defesa dos pobres e de uma ação evangelizadora voltada para eles passou a ser fé e ofício. Agora, Leonardo Boff, 53 anos, deixa de ser padre. Deixou o emprego para continuar na profissão. "Salo para poder continuar pregando a minha fé com coerência".

No final de junho ele lançou seu novo livro "América Latina: da Conquista à Evangelização" a sua 56ª obra e anunciou estar deixando a Igreja. Mouzar Bedito, do jornal Brasil Agora destacou os principais trechos de uma entrevista.

AUDÁCIA DO BOFF

ELE DEIXOU DE SER PADRE PARA SER COERENTE COM A FÉ

● A DECISÃO

A razão fundamental dessa minha decisão se deve ao constrangimento a que fui submetido nos últimos meses. Há um ano houve uma intervenção branca, muito dura, na Editora Vozes, submetendo esta casa, que tinha um perfil de grande abertura. Uma intervenção que significava censura prévia a todos os escritos da editora. E uma censura sobre as cinco revistas que ela publica. A mim, pessoalmente, a deposição de diretor da revista de cultura *Vozes* e uma censura pessoal sobre cada artigo e todos os meus livros. E há poucas semanas a solicitação para que eu me afastasse da Teologia por quatro ou cinco anos.

● VATICANO

Nada vem de Roma por iniciativa de Roma. Vem de Roma porque primeiro saiu do Brasil, foi para Roma. Há uma articulação de grupos conservadores no Brasil cujo eixo passa por Rio de Janeiro, Brasília e Salvador, onde há três cardeais absolutamente afinados com a estratégia do vaticano, que são os cardeais D. Eugênio Sales, D. Falcão e D. Lucas Neves.

● LIBERDADE

Eu não saio do ministério sacerdotal e franciscano para viver uma liberdade burguesa, sem responsabilidade, abandonar a fé e a esperança. Eu continuo cristão, tendo fé, me considero teólogo na mesma perspectiva que tive até agora, com uma diferença: sem precisar de censura prévia de ninguém.

● MEMÓRIA

A nova evangelização que nós postulamos e que começou pelo menos nos anos 60, quando a Igreja despertou para a causa dos pobres, procura mostrar que o cristianismo não é cativo do sistema dominante, do qual se fez refém, como legitimador dessa ordem, que o cristianismo pode ser uma força de libertação, de resistência, de protesto, que pode recuperar a memória perigosa de Jesus, que morreu na cruz por causa do conflito que ele criou com as

autoridades do tempo e que por isso morreu de uma forma martirial e heróica.

● NA CRUZ

Jesus morreu na cruz, não morreu como um velho na cama, submetido aos ditames religiosos, acomodado. Pela teologia comum, que cir-



cula na Igreja, Jesus jamais teria morrido na cruz. Teria morrido como um bom sacerdote velho, cercado de discípulos subservientes.

● CONFLITO

Dia sete de setembro, o cardeal do Rio de Janeiro está lá, junto ao general, junto ao governador. Não é assim em Volta Redonda, onde está também o general, o coronel, mas o bispo não está. O bispo está meio do seu povo. Em Santo André. D. Cláudio Hummes é convocado para ser mediador de um conflito entre patrões e operários e diz: "Eu não medeio, porque eu sou parte, estou ao lado dos operá-

rios". O que revela isso? Que estamos num conflito de identidade na missão histórica da Igreja. Há um grupo que quer prolongar a vocação tradicional histórica da Igreja, de ela articular sempre com o poder dominante. Setores importantes da Igreja começam a sentir na própria pele a iniquidade dessa ordem, que para a grande maioria é a ordem da desordem, é injusta. E começam a tomar a posição dos oprimidos e marginalizados, dizendo: a greve é legítima, a resistência dos sem-terra é legítima, devemos exigir reforma agrária...

● CRISE

Nós estamos numa crise social brasileira. A Igreja não é imune a isso, ela é uma parte da sociedade. Há atitudes que se confrontam face a crise. Um diz: "Há desordem, precisamos de ordem, a ordem se cria pela disciplina, significa obediência. Obediência a quem? As autoridades, porque elas sabem o caminho, elas tem melhor clarividência", o que significa aqui obediência irrestrita ao Vaticano, o que determina o que pensar, como se deve celebrar, como se deve organizar a pastoral. Uma outra vertente diz: "Há um conflito, há uma confusão, como sair dela? Saímos dela incentivando aqueles elementos positivos que estão dentro da desordem. A desordem é criadora. Como uma moderna cosmologia, o caos é o último patamar de uma nova ordem. O caos está cheio de energias novas, que apresentam uma criatividade e um avanço da própria ceva do tempo".

● MARXISTAS

Havia 13 cardeais na União Soviética e Gorbachev queria falar comigo. Eu disse: "Eu não sou importante na Igreja". Disseram: "Nós queremos honrar a vocês porque são amigos dos pobres. Vocês são cristãos e à vossa maneira assimilaram o socialismo e o marxismo, mas são cristãos". Eu disse então: "Seria muito bom que o cardeal Ratzinger escutasse isso, porque Roma não nos considera cristãos. Vocês marxistas nos consideram cristãos e marxistas, porque assimilamos categorias marxistas".